



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
CURSO DE PSICOLOGIA**

**MARIA CLARA DA SILVA NASCIMENTO**

**“A VIDA É MUITO MAIS DO QUE APENAS SOBREVIVER”: REPRESENTAÇÕES  
ACERCA DA PROBLEMÁTICA DA MORTE DA PERSONAGEM LEXA EM *THE***

***100***

**CAMPINA GRANDE  
2022**

MARIA CLARA DA SILVA NASCIMENTO

**“A VIDA É MUITO MAIS DO QUE APENAS SOBREVIVER”:** REPRESENTAÇÕES  
ACERCA DA PROBLEMÁTICA DA MORTE DA PERSONAGEM LEXA EM *THE*  
*100*

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento do Curso  
Psicologia da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior

CAMPINA GRANDE  
2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244v Nascimento, Maria Clara da Silva.

"A vida é muito mais do que apenas sobreviver"  
[manuscrito] : representações acerca da problemática da morte  
da personagem Lexa em The 100 / Maria Clara da Silva  
Nascimento. - 2022.

32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Biológicas e da Saúde , 2022.

"Orientação : Prof. Me. Edivan Gonçalves da Silva Júnior ,  
Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS."

1. Representações Sociais. 2. LGBTQIAP+. 3. Identidade  
de Gênero. I. Título

21. ed. CDD 305.906

MARIA CLARA DA SILVA NASCIMENTO

**“A VIDA É MUITO MAIS DO QUE APENAS SOBREVIVER”: REPRESENTAÇÕES  
ACERCA DA PROBLEMÁTICA DA MORTE DA PERSONAGEM LEXA EM *THE*  
100**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento do Curso  
Psicologia da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do  
título de bacharel em Psicologia.

Aprovada em: 04/08/2022.

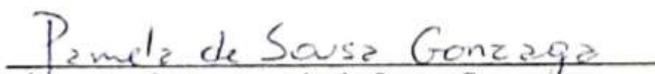
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. M.e Edivan Gonçalves da Silva Júnior (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Thiago Silva Fernandes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. M.e Pamela de Sousa Gonzaga  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

LGBTQIAP+ - lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexo, assexuais, pansexuais e outros.

RS - Representações Sociais

TRS - Teoria das Representações Sociais

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>8</b>
2.1 Representações Sociais	8
2.2 Identidade	11
2.2.1 Identidade e Representações Sociais	14
2.3 Questões de Gênero e Sexualidade	15
2.4 Ai Laik Heda: explorando as nuances da personagem Lexa	18
<b>3 METODOLOGIA</b>	<b>22</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b>	<b>24</b>
4.1 Categorias de análise	24
4.1.1 Narrativas punitivas quando ocorre fuga da heteronormatividade	24
4.1.2 Os impactos da representatividade na realidade social	25
4.1.3 Da revolta à revolução: o afeto como potência transformadora	27
<b>5 CONCLUSÃO</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>30</b>

## **“A VIDA É MUITO MAIS DO QUE APENAS SOBREVIVER”: REPRESENTAÇÕES ACERCA DA PROBLEMÁTICA DA MORTE DA PERSONAGEM LEXA EM *THE 100***

Maria Clara da Silva Nascimento<sup>1\*</sup>

### **RESUMO**

A mídia exerce grande influência nas escolhas das imagens e dos comportamentos que moldam a sociedade. Esse dispositivo age na manutenção das normas de gênero, no exercício das sexualidades e estilos de vida, elevando esse campo de vivência ao discurso. Através das Representações Sociais, Moscovici explicitou como os saberes compartilhados socialmente permitem que os sujeitos processem conteúdos, incluindo os veiculados pela mídia, tornando informações impessoais e públicas, em valores, motivações que são assimilados e tomados para si. Isto posto, o presente trabalho objetivou analisar as repercussões que a morte da personagem Lexa da série de TV norte-americana *The 100* causou nas representações da comunidade LGBTQIAP+ sobre o seu espaço na mídia. Foi realizado um estudo qualitativo, do tipo documental, em que foram analisados 6 artigos publicados em blogs/plataformas diversas sob a perspectiva da análise de conteúdo de Bardin. Assim foram criadas três categorias: a) Narrativas punitivas quando ocorre fuga da heteronormatividade; b) Os impactos da representatividade na realidade social; c) Da revolta à revolução: o afeto como potência transformadora. Diante disso podemos perceber que se reconhecer numa identidade midiática é importante, ao passo que auxilia na interpretação da realidade social, como também influi no senso de pertencimento e reconhecimento de si enquanto sujeito. A morte da personagem Lexa, causou grande comoção e mal-estar na comunidade de fãs, especialmente os LGBTQIAP+, ocasionando reflexões sobre a persistência da péssima representação midiática e sua falta de responsabilização nas narrativas. Esse contexto motivou a união dos fãs em ações em prol de futuras representações mais justas.

**Palavras-chave:** Representações Sociais; Lexa; LGBTQIAP+; Identidade.

### **ABSTRACT**

The media has a great influence on the choices of images and behaviors that shape society. This device acts in the maintenance of gender norms, in the performance of sexualities and lifestyles, increasing this area of experience to discourse. Through Social Representations, Moscovici explained how socially shared knowledge allows subjects to process content, including those showed by the media, turning impersonal and public information into values and motivations that are assimilated and taken for themselves. That said, the present work aimed to analyze the repercussions that the death of the character Lexa from the American TV series *The 100* caused in the representations of the LGBTQIAP+ community about its space in the media. A qualitative, documentary study was carried out, in which 6 articles published on different blogs/platforms were analyzed from the perspective of Bardin's content analysis. Thus, three categories were created: a) Punitive narratives when there is an escape from heteronormativity; b) The impacts of representativeness on social reality; c) From revolt to

---

<sup>1\*</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (mariaclara.snsd@gmail.com)

revolution: affection as a transforming power. Before that, we can see that recognizing yourself in a media identity is important, as it helps in the interpretation of social reality, as well as influencing the sense of belonging and recognition of yourself as a subject. The death of the character Lexa caused great commotion and unease in the fan community, especially the LGBTQIAP+, causing reflections on the persistence of bad media representation and their lack of accountability in the narratives. This context motivated the union of fans in actions for future fairer representations.

**Keywords:** Social Representations; Lexa; LGBTQIAP+; Identity.

## 1 INTRODUÇÃO

O século XXI é marcado pelos inúmeros avanços da tecnologia e nos últimos tempos temos observado como os meios de comunicação têm evoluído e se multiplicado em grande velocidade, culminando assim em um excesso de informações direcionadas à população, percebe-se o surgimento de programas de TV e propagandas cada vez mais especializadas e direcionadas com o intuito de influenciar comportamentos, identidades e consumo. É interessante observar como o entretenimento invadiu a realidade social, atualmente os veículos de comunicação de massa buscam dar um tom mais pessoal e emocional às suas comunicações, no intuito de construir novas formas de sentir, perceber e pensar (ALEXANDRE, 2001).

A mídia em seu avanço sofrerá as intervenções causadas pela cultura, ou seja, a mídia como um meio de comunicação e de informação, apesar de deter relativo poder, também é atravessada pelas mudanças de hábitos, estilos de vida, e principalmente pelas lutas sociais. Nesse sentido, passamos a perceber que a mídia ocupa também o lugar de um dispositivo que participa da construção de identidades de forma múltipla. Esse dispositivo funciona, em meio a outros, como tecnologia de gênero, na constituição de homens e mulheres, no exercício das sexualidades e estilos de vida, e, sendo assim, eleva-se os campos de gênero e sexualidade ao plano dos discursos. Na intenção de fixar determinadas identidades, todo esse processo não será consciente, existirá um processo de escolha, mas que existe dentro de um quadro de opções fornecidas pela própria mídia, e a medida que o consumo desse conteúdo é feito, denota certa concordância com as representações ali encontradas (FLAUSINO, 2002).

Segundo Hammack (2005 apud GOMILLION; GIULIANO, 2011) a mídia é um dos fatores culturais que influenciam nos processos de identificação, autopercepção, valores e personalidade de gays, lésbicas e bissexuais, dessa forma, imaginamos o quanto podemos estender esse raciocínio aos demais membros da comunidade LGBTQIAP+. Com o passar dos anos, o avanço no reconhecimento dos direitos humanos, acompanhado de mudanças nos pensamentos e em atitudes sociais para com a diversidade sexual, resultaram na abertura de um ambiente mais favorável para que aumentasse a visibilidade na mídia para a comunidade, ou seja, a homossexualidade começa a ser incorporada aos produtos televisivos (FEJES; PETRICH, 1993 apud GUERRERO-PICO; ESTABLÉS; VENTURA, 2017). Não se pode perder de vista que tais conquistas foram resultados de muitas lutas sociais. Outrossim, não podemos perder de vista o olhar capitalista das mídias ao abrir espaço para as novas representações à comunidade, ao passo que essa abertura acontece, também ocorre o aumento das rendas em decorrência ao aumento da audiência e do consumo de produtos derivados.

Apesar do relativo aumento da visibilidade midiática, podemos questionar os modos como se deram essa representatividade das identidades de LGBTQIAP+ e de como foram retratadas as suas trajetórias, uma vez que se observa que a maior parte das narrativas com a temática apresentam desfechos negativos, além de contarem com uma apresentação estereotipada e caricata, acabando muitas vezes na morte do personagem LGBTQIAP+. Essa morte ocorre em sua maioria, depois desses personagens se reconhecerem como parte da comunidade, ou quando atingem algum estado de felicidade ou reciprocidade na relação amorosa não heteronormativa (GUERRERO-PICO; ESTABLÉS; VENTURA, 2017). E isso não é um mero acaso, o nível de repetição nas narrativas é tamanha, que o acontecimento é reconhecido como o tropo literário *Bury your gays* (enterrem os gays) ou como *Dead Lesbian Syndrome* (Síndrome da lésbica morta) que é uma subseção do tropo geral, devido a quantidade desproporcional de personagens femininas que são vítimas. Um levantamento realizado pelo site *LGBT Fans Deserve Better*<sup>2</sup>, mostrou que nos anos de 2015 e 2016 um grupo de 58 personagens femininas lésbicas e bissexuais, apresentou uma taxa de mortalidade de 28%<sup>3</sup>. Os dados obtidos em 2016 parecem significativos, pois foi um comportamento que ganhou bastante força com a morte da Comandante Lexa, personagem bastante popular, na série de TV norte-americana *The 100* - muitas pessoas e instituições começaram a contabilizar o número de mortos na televisão para personagens gays, como por exemplo, *Variety* e *GLAAD*<sup>4</sup>.

Em contrapartida aos impasses causados por uma representação ainda predominantemente negativa presente nas narrativas com a temática LGBTQIAP+, é possível problematizar que cada vez mais a influência das produções ficcionais sobre pessoas LGBTQIAP+ na construção de identidades têm sido discutida. Collier *et al.* (2009) apontam que fãs lésbicas incorporam suas experiências como espectadoras em relação às suas próprias identidades sexuais, portanto, se reconhecem e se localizam nessas representações, o que pode reduzir sentimentos negativos em relação à sua sexualidade, quando essa passa a ser vista, reconhecida a sua existência e legitimidade. Isso também contribui com a diminuição do isolamento social que aflige pessoas que lidam com homofobia internalizada, proveniente da não aceitação da sua sexualidade mediante modelos restritos e normatizadores do desejo. Nos encontramos em um contexto social onde há a necessidade urgente de representações positivas que forneçam à comunidade ferramentas para lidar com o assédio e a rejeição. Percebemos a importância da representação LGBTQIAP+ em conteúdos midiáticos ao passo que demonstra potencial positivo de influenciar no desenvolvimento de autoestima, autocompreensão, na construção de identidade e aceitação de gênero e sexualidade.

Vale salientar que mesmo a aproximação da comunidade com os conteúdos midiáticos colocá-los na posição de fãs, longe de ser uma posição passiva, segundo Curi (2010) a ideia de um consumidor ativo tem ganhado cada vez mais formato, corroborando a ideia de que um texto não carrega em si todos os sentidos e os significados, os fãs, por seu turno, procuram entender o texto, como também conectá-lo com suas vidas e experiências.

Considerando o contexto representacional que esses recursos oferecem para a elaboração de percepções e de práticas, Moscovici buscou explicar através da Teoria das

<sup>2</sup> Disponível em: <https://lgbtfansdb.com/news/broadcast-network-tv-2015-2016/>. Acessado em: 29 de julho de 2022.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://lgbtfansdb.com/news/broadcast-network-tv-2015-2016/>. Acessado em: 29 de julho de 2022

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.glaad.org/blog/glaads-where-we-are-tv-report-finds-progress-lgbtq-representation-tv-much-work-still-be-done>. Acessado em: 29 de julho de 2022

representações sociais como os saberes sociais permitem que os sujeitos, individualmente ou coletivamente processem os conteúdos que também são veiculados pela mídia, transformando os conteúdos de instâncias impessoais e públicas, em formas coerentes, valores e motivações pessoais e coletivas que passam então a pertencê-los com um nível de familiaridade (ALEXANDRE, 2001).

Diante disso, o presente trabalho objetivou analisar as repercussões que a morte da personagem Lexa da série de TV norte-americana *The 100* (Os cem) causou nas representações da comunidade LGBTQIAP+ sobre o seu espaço na mídia. Foi feita uma análise qualitativa de seis textos dispostos em blogs voltados ao público que consome série e a comunidade LGBTQIAP+.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Representações Sociais

Segundo Farr (1994 apud OLIVEIRA; WEBER, 2013) a Teoria das Representações Sociais pode ser considerada como uma forma sociológica de psicologia social, isso porque o primeiro estudo feito nesse sentido foi realizado por Serge Moscovici durante a década de 50, em que buscava compreender e descrever o conhecimento partilhado na sociedade francesa acerca da Teoria da Psicanálise. A incursão de Moscovici se deu em contrapartida ao modelo até então hegemônico de produção de uma psicologia social oriunda do contexto pós-guerra. Nesse contexto, os olhares se direcionaram para o campo de estudo de uma Psicologia Social Psicológica que surgiu nos Estados Unidos, decorrente da forte migração dos teóricos europeus em razão da eclosão da Segunda Guerra Mundial, muito ainda voltada para os estudos de fenômenos cognitivos, compreensões mais individualizantes e racionalizantes. A leitura através dessa perspectiva, considerava o quadro social, porém reduzia o sujeito a uma "máquina pensante" que também era considerada imperfeita, por não somente reproduzir o conhecimento profissional, mas também os saberes comuns e populares. Com isso, Moscovici buscava romper essa lógica de que o conhecimento do senso comum era de alguma forma menos importante do que o científico por não seguir uma lógica formal, resgatando assim dimensões culturais e históricas na pesquisa psicossocial (SANTOS, 2005).

Logo, em 1961, Moscovici lançou o livro *La Psychanalyse: Son image et son public* (Psicanálise sua Imagem e seu Público) que marcava e apresentava os resultados do seu estudo na sociedade francesa, ficando claro como ele foi influenciado pela teoria das Representações Coletivas propostas por Durkheim. A teoria das Representações Sociais intercala-se com conceitos da sociologia e psicologia, passando a considerar o sujeito como um ser ativo, produtor e produto de uma determinada sociedade (OLIVEIRA; WEBER, 2013).

É importante fazermos a diferenciação entre a Teoria das Representações Coletivas e Representações Sociais, por mais que a primeira tenha influenciado na construção da segunda e de forma superficial possam se assemelhar, existem diferenças relevantes para que se compreenda a TRS e seu lugar dentro dos estudos do campo psicossocial. Inicialmente temos que o conceito proposto por Durkheim contemplava uma forma muito ampla de conhecimentos, nesses que se encontrariam boa parte da história intelectual da humanidade, já para Moscovici as representações sociais deveriam ser reduzidas e mais específicas a modalidades de conhecimentos que contribuíssem na elaboração de comportamentos e comunicação. Um segundo ponto diz respeito a estagnação da concepção das representações coletivas, correspondendo assim a estabilidade dos fenômenos estudados, enquanto que para

as RS se precisava de uma proposta que abarcasse a dinamicidade, mobilidade e circulação das representações emergentes. Por fim o conceito durkheimiano, era visto e compreendido como dados, ou seja, uma vez analisadas seriam irredutíveis por qualquer análise posterior, e não como fenômenos autoexplicativos, o qual era a proposta de Moscovici (SÁ, 1995).

Portanto, as mudanças propostas por Moscovici na noção de Representação Coletiva permitiria descobrir a estrutura e os mecanismos das representações, ao passo que possibilitaria um campo de estudo que ainda assim trabalhasse simultaneamente com dimensões sociais e psicológicas, explicando tanto consenso como dissensos. Segundo Moscovici (2003) “a mudança do termo representação coletiva para representação social ocorreu com a finalidade de ressaltar uma mudança de postura. O novo termo passou a indicar um fenômeno, enquanto o termo tradicional indicava um conceito”.

Com essas mudanças, Moscovici passou a estudar e escrever sobre o conhecimento produzido pelo senso comum através da TRS, inclusive o teórico evidenciou o caráter provisório das teorias científicas, destacando a dificuldade destas de adotar outras metodologias que rompessem com a tradição cartesiana. Ele defendia ser necessário essa abertura metodológica, pois para ele existem diversos outros caminhos e modelos que podem explicar e possibilitar conhecer a realidade. Além disso, vale frisar que uma postura teórica nada mais é que um guia para conduta de um estudo (SANTOS, 2005).

Ainda nesse caminho, o autor então comentou duas formas que se apresentam e que coexistem na formulação de conhecimento e pensamento das sociedades, porém de maneira distinta, são elas: os universos consensuais e os universos reificados. Com limites bastante definidos, os universos reificados dizem respeito à produção e circulação da ciência e pensamentos que seguem uma lógica formal, metodológica e hierarquizada. Enquanto, os universos consensuais, pelos quais são produzidas as RS, fazem referência às atividades intelectuais da interação cotidiana, não seguem o mesmo rigor do universo anterior, mas uma “lógica natural”, não apresentando limites rígidos (SÁ, 1995).

Entretanto, para que a construção da Representação Social seja possível, Moscovici aponta a existência de dois processos fundamentais: a objetivação e a ancoragem. A objetivação ocorre quando o objeto desconhecido se torna familiar, podendo também tornar o abstrato em algo concreto, e nesse processo naturalizá-lo. Já a ancoragem corresponde em inserir o objeto em um sistema de pensamento com informações pré-existentes, ou seja, adicionar uma rede de significações em torno desse objeto, sendo assim, quando colocado em uma categoria passa a adquirir suas características (SANTOS, 2005).

Apesar dos esforços de Moscovici de não tornar a TRS algo estático através de um conceito, podemos encontrar diversas definições dadas por outros teóricos que ao passar dos anos têm cada vez mais se aprofundado no assunto. Essa teoria tem sido discutida, criticada, reformulada e cada vez mais empregada em muitos estudos científicos, observa-se um esforço significativo por parte dos estudiosos de compreendê-la e contribuir com o seu desenvolvimento (OLIVEIRA, WERBA, 2013). Sendo assim, segundo Moscovici (1981, p. 181 apud CASTRO, 2013) podemos considerar as Representações Sociais “como um conjunto de conceitos, proposições e explicações criado na vida cotidiana no decurso da comunicação”.

Diversos outros teóricos se propõem a conceituar essa teoria, como Flament (2003), Doise (1993), Jodelet (1989) e Guareschi (1996). Não é nosso objetivo apresentar todas as conceituações existentes, mas é interessante que visitemos alguns apontamentos feitos por

dois desses teóricos: Guareschi (1995), menciona que há elementos dinâmicos e explicativos na realidade social, nelas que estão presentes, por exemplo, aspectos culturais e ideológicos, sendo assim esses elementos estão presentes tanto nos objetos quanto nos sujeitos, mantendo-se relacionados e ao mesmo tempo categoricamente sociais. Enquanto Jodelet (1986 apud CASTRO, 2013, p. 584) afirma que “As RS são uma modalidade de conhecimento socialmente elaboradas e partilhadas, com um objetivo prático e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um dado conjunto social”. Além disso, Jodelet afirma que o estudo das RS deve ser articulado com elementos afetivos, mentais e sociais, levando em consideração essa inter-relação entre sujeito e objeto.

Apesar da apresentação de alguns conceitos, Moscovici se recusou a criar um conceito fechado e definitivo para a TRS, pois afirmava que não saberia de antemão como os fenômenos iriam evoluir dentro desse campo de estudo, equiparando assim a psicologia social com outras ciências como a antropologia, história, sociologia e etc (MOSCOVICI, 1988, p. 213 apud SÁ, 1995). A afirmação do teórico de não saber prever os acontecimentos futuros dentro desse campo, diz respeito às RS referir-se tanto a teoria quanto aos fenômenos, ou seja, em ambos os casos nos referimos ao conhecimento produzido no senso comum, porém ao direcionarmos nosso olhar a TRS é considerar que possui também um modelo teórico guia dos estudos científicos, enquanto ao nos referimos ao objeto estamos considerando aquele conhecimento produzido e compartilhado a respeito dos objetos sociais.

Para Moscovici (2003, p. 54) “... a finalidade de todas as representações sociais é tornar familiar algo não familiar, ou a própria não-familiaridade”, nesse ponto de discussão o autor procura entender o porquê da construção das teorias do senso comum sobre os objetos sociais, chegando a conclusão da existência de três determinantes que parecem contribuir nesses aspectos: a) Pressão à Interferência, sendo o primeiro deles, diz respeito a criação de um consenso de opinião com um grupo específico para que assim ocorra a comunicação e valide também a representação; b) Focalização que faz referência a atenção destinada ao objeto social, que pode variar de acordo com diversos fatores além do interesse, sendo a cultura uma delas, isso irá influenciar na maneira como apreendemos as informações sobre a realidade e dependerá também de que conhecimentos já possuímos; c) Defasagem e Dispersão de Informação correspondendo às condições de acesso e exposição em que temos as informações. Portanto, através dessas três dimensões os sujeitos podem construir códigos comuns para compreender a realidade do seu mundo.

A partir disso podemos entender então que toda figura/objeto terá um sentido, assim como todo sentido terá uma figura. Porém, é interessante perceber que a representação não será uma reprodução, devido ao fato de que a reconstrução do objeto é feita a partir de informações pré-existentes e de novas informações adquiridas. Partindo disso e do entendimento da construção e objetivo da TRS, foi possível compreender que as RS têm origem nas práticas sociais e nas diversidades grupais. De acordo com Santos (2005, p. 34) “...dar sentido à realidade social, produzir identidades, organizar as comunicações e orientar condutas”. Portanto, temos assim 4 funções que se destacam que se pode nomear em: Função de saber, função de orientação, função identitária e função justificadora.

Explorando melhor cada uma delas, temos que a função de saber demonstra que as Representações Sociais existem para que possam explicar, compreender e dar sentido à nossa realidade. A função de orientação, demonstra que as RS servem como um guia de conduta, orientando comportamentos e práticas sociais e ao mesmo tempo se origina através dessas práticas, enquanto isso, a função identitária mostra que as representações possibilitam o

estabelecimento de uma identidade grupal e por consequência uma diferenciação dos outros grupos, essa função também aciona o sentimento de pertença. Por fim, a função justificadora diz respeito a como as representações são usadas como justificativas de condutas dentro da realidade social (SANTOS, 2005).

Segundo Moscovici (2003, p. 41) uma vez criada, as Representações Sociais adquirem “vida própria”, circulam, se encontram, se atraem ou se repelem, e abrem espaço para novas representações surgirem enquanto outras morrem. As RS irão orientar nossas relações e comportamento, como sistemas de interpretação, irão intervir em variados processos, como difusão, assimilação, processos de construção de identidades pessoais e sociais, comportamentos grupais e etc.

## 2.2 Identidade

Os estudos e conhecimentos acerca da identidade se mostraram bastante difusos, as menções a esse conceito eram comumente associadas a individualidade ou as expressões dos diferentes “tipos de eu” nos períodos históricos. Segundo Jacques (2013), estudos etnográficos demonstram que, principalmente com a queda da influência cristã sobre o conceito de homem e as relações feudais, se observou tanto o reconhecimento da individualidade quanto o seu acentuado aumento na vida social. Esse fato deixa-se transparecer no protagonismo da individualidade na linguagem, literatura, artes plásticas e até na organização social, durante os séculos XI, XII e XIII. Com a ascensão do capitalismo, um sistema econômico, que em termos simples, prezava pela acumulação de capital e estabelecimento da propriedade privada, percebe-se a regência de uma nova organização que passava a influenciar a sociedade em todas as suas facetas, o que também vai ser observado no campo das ciências, assim também no surgimento de grandes produções teóricas sobre o tema da identidade, inclusive na área da psicologia.

No campo da psicologia, os estudos sobre identidade ocupavam espaço dentro das perspectivas da psicologia analítica do Eu e pela psicologia cognitiva. Em ambas, chega-se à conclusão de que a identidade é gerada pela socialização e garantida pela individualização, seu desenvolvimento ocorre por estágios crescentes de autonomia. Alguns autores se destacaram nos primeiros estudos sobre o tema da identidade, como Erik Erikson, William James e George Mead, após poucos avanços, a temática é retomada posteriormente, porém passou a ser intrinsecamente ligada a estudos de grupo e diferenciações sociais (JACQUES, 2013).

Com base na visão das leis sócio-históricas, a constituição da identidade se deu, assim como outras funções psíquicas, a partir da inserção do indivíduo no mundo. Ou seja, existe certamente o suporte biológico que garantiu possibilidades de sobrevivência ao *Homo sapiens sapiens*, porém muitas características humanas, como a identidade, que estabeleceram uma ruptura com o mundo animal irracional, foram historicamente desenvolvidas a partir do estabelecimento das relações sociais. O indivíduo se estabelece então ao mesmo tempo como personagem e autor, pois é um personagem de uma história que ele mesmo constrói e vai construindo à medida que vai experienciando ao longo das suas relações. Nesse sentido o indivíduo possui caráter ativo e transformador em sua relação com o contexto em que se encontra, pois é neste que o sujeito vislumbra possibilidades, modos e alternativas de uma identidade, portanto é possível perceber que a identidade vai caminhando no sentido de ser uma função ao mesmo tempo pessoal e social (JACQUES, 2013).

Mas afinal, qual seria então o conceito de identidade? Existe um conjunto de palavras, expressões e conceitos, muitas vezes distintos entre si, que são usados para qualificar os sistemas que constituem a identidade. Podemos observar expressões como imagem, representação, conceito de si, mas que no geral convergem para uma noção da imagem e sentimentos que o sujeito constrói e reconhece como parte de si. De forma mais diretiva, segundo Jacques (2013, p. 160) “a identidade se refere a um conjunto de representações que responde a pergunta “quem és”, assumindo diversas formas ou objetos, a identidade pode ser representada por um nome, sobrenome, pronome ou por características referidas a um papel social, mas sempre diz respeito a representação de um objeto ausente, ou seja é um representação de si mesmo, no qual a partir disso pode-se apreender a identidade do indivíduo.

Dito isso, apesar dos conceitos de identidade possuírem similaridades quanto à recorrerem em sua maioria a predicativos relacionados à imagem de si, muitos teóricos escolhem caminhos diferentes dentro dessa mesma temática para trabalhar o ponto central que é a identidade. Dito isso, trabalhar nesse campo é usualmente encontrar durante o percurso dicotomias, que parecem excludentes, mas que enriquecem os debates na área, como por exemplo, indivíduo/social, estabilidade/transformação, igualdade/diferença e etc.

Por essa complexidade conceitual, muitos estudos buscam melhor utilizar a relação existente entre essas dicotomias, desta forma trabalham com um sistema identificatório subdividido em identidade pessoal, aquela que se refere a atributos específicos do indivíduo, e a identidade social, aquela que assinala a pertença a grupos. Goffman (1985) cunhou termos importantes que auxiliam nos estudos sobre identidade, são eles o de personagem, ator e papel. Quando o autor se referia a personagem fala no sentido de ser a forma que a identidade encontra de se representar no mundo, enquanto no lugar de ator o sujeito desempenha algum papel, o interessante é observar que o personagem se confunde ao mesmo tempo que se diferencia do papel, isso porque existe a possibilidade da existência do mesmo papel em personagens diferentes, pois os papéis sociais desempenhados são abstrações construídas na relação com o outro e que se concretizam no personagem quando o assume (JACQUES, 2013).

Antônio Ciampa (1987 apud JACQUES, 2013), foi um importante psicólogo social brasileiro, que se dedicou a estudos sobre identidade, ele considerava que cada sujeito era formado por uma gama de personagens, esses que se conservam, se sucedem, se alternam ou coexistem, e apesar desse fluxo, formam uma percepção de totalidade da identidade. Justamente, a representação de diversos personagens durante a dinâmica das relações sociais permite a pluralidade da identidade e a sua mobilidade.

De uma forma ou de outra na vida cotidiana, as questões em volta da identidade sempre aparecem. Estão presentes na literatura, no cinema, na TV, nas histórias em quadrinhos e nas artes. Num sentido bem amplo, as problemáticas das narrativas abordadas em sua maioria também lidam como problema da identidade e podem nos ensinar muito a respeito desse tema. Portanto quando somos questionados com a clássica pergunta “quem sou eu”, existe uma tendência em descrever a identidade tal como um personagem, que por sua vez existe dentro de uma narrativa (CIAMPA, 1986).

Como já mencionado, Ciampa (1986) argumenta que a identidade não é fixa, existirão mudanças, essas desejáveis ou não, mas que nos fazem ao mesmo tempo personagens e autores de uma história, que nós mesmos criamos e por isso ocupamos essas duas funções, ao passo que só construímos uma identidade e ocupamos esse lugar quando agimos: é pelo fazer,

que alguém se torna algo. Nós fazemos pela prática, assim vamos nos diferenciando e nos igualando conforme os vários grupos sociais de que fazemos parte.

Existe um processo anterior no estabelecimento das relações que é algo importante quando se estuda a identidade pela perspectiva de Ciampa (1986), nessa visão, a identidade do outro reflete na minha e a minha na dele, por exemplo, para que o sujeito seja filho é implacável que exista um pai ou uma mãe e vice versa. Logo anterior a identidade existe a relação, a representação da identidade se molda então nesse processo, em meio a ele serão reforçados comportamentos que fortaleçam as condutas dessas identidades.

O produto das nossas relações será a representação da identidade, nesse nos referimos à representação em si e não ao objeto desta. Não são a mesma coisa, ao passo que também não são independentes, pois não podemos isolar características que antecedem o indivíduo como os elementos biológicos, psicológicos e etc, do processo de identidade. Dito isso, a identidade e seu processo de representação estão sempre interrelacionados e em constante mudança (CIAMPA, 1986).

Portanto, no decorrer da vida o indivíduo por mais que apresente sua identidade como uma totalidade, a mesma vai se manifestar como um desdobramento, demonstrando uma multiplicidade de determinações as quais estamos sujeitos, essas representações do indivíduo formam uma intrincada rede, em que existem tanto atravessamentos que nos impossibilita de compreender quando foi a identidade originária daquele circuito. As identidades assim irão refletir a estrutura social, reagindo no sentido de conservá-la ou transformá-la (CIAMPA, 1986).

Enquanto isso, Stuart Hall (1997) um grande sociólogo que possui trabalhos no campo dos estudos culturais, converge os olhares para a importância da centralidade da cultura na produção de discursos, subjetividades e assim por consequência, produz identidades e identificações. Segundo Moraes (2019), que destaca na obra de Hall a importância que é dada aos discursos que circulam, temos que: “[...] quando o sujeito se reconhece a partir dos discursos. Ele os toma como algo que lhe diz respeito, identifica-se e produz-se como um sujeito daquele modo, compreende e explica a si e ao mundo a partir daquele regime de verdade (p. 168).”

Para Hall (2002) a cultura tem assumido uma grande importância na estruturação e organização da sociedade moderna, e tão somente através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos que podemos atribuir significados aos fenômenos do cotidiano e assim representá-los. Essas representações são construídas através de duas vias: primeiro podemos dar significados aos objetos através de interpretação que trazemos, e segundo podemos dar significado pelo modo como utilizamos os objetos e os integramos em nossas práticas.

Desse modo, a representação é importante para a constituição das coisas, ela motiva a investigação de como se constroem os significados e explicita um dos argumentos de Stuart Hall que afirma que os significados culturais têm efeitos reais e regulam as práticas sociais. Assim, através de um senso de pertencimento, o reconhecimento desses significados faz parte do senso de identidade dos indivíduos (MORAES, 2019).

### 2.2.1 Identidade e Representações Sociais

A relação existente entre representações e identidade posta por Stuart Hall, é que ambos surgem como consequência dos processos culturais. Visto claramente quando se observa como as revoluções culturais causam impactos nos modos de viver, mudando as aspirações e o sentido de vida das pessoas. Diante disso, a mídia tem oferecido representações hegemônicas para determinar certos modelos de ser, que possam circular socialmente e, com isso, sustentam assim o *marketing* de produtos ideais e modos de vida (HALL, 1997). Além disso, segundo Hall:

“As representações têm sérias implicações sobre as identidades, pois as mesmas têm a ver como temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar, surgindo das próprias narrativas do eu (HALL, 2000, p.109)”.

Logo, podemos deduzir como as RS e por consequência a identidade correlacionam-se com a difusão de mensagens por veículos de comunicação. Nesse sentido, os olhares devem ser voltados para além do que é passado nessa comunicação, indo em direção a maneira como é comunicado e com a qual os significados chegam ao sujeito. Toda comunicação implicará em algum tipo de afetação das partes envolvidas, ou seja, um fenômeno recíproco. Rotineiramente somos bombardeados por informações e por novos estímulos, estes que tentam fortalecer ou mudar comportamentos e opiniões através dos discursos (ALEXANDRE, 2001).

Segundo Alexandre (2001), a partir da década de 60 a sociologia e a psicologia passam a estudar o poder exercido pela mídia, com o avançar dos estudos surgem também reflexões acerca da influência exercida pelas RS, se mostrando de maneira bastante sutil e velada, principalmente através de propagandas e de conteúdos que teriam como função divertir, persuadir e ensinar. Em sequência, o autor ainda afirma (2001, p. 116):

“Os meios de comunicação de massa se tornam instrumentos fundamentais na produção da nova coesão social, exatamente porque lidam com a fabricação, reprodução e disseminação de representações sociais que fundamentam a própria compreensão que os grupos sociais têm de si mesmos e dos outros, isto é, a visão social e a auto-imagem.”

Portanto, é visível como os veículos de comunicação hoje tendem a dar um tom mais pessoal e íntimo aos programas midiáticos, sejam séries ou propagandas. Visto que, como Jodelet explicita (1986 apud CASTRO, 2013) os estudos das representações também devem levar em consideração o afeto nessa inter-relação entre sujeito e objeto, diante do fato que toda linguagem, inclusive a científica, não é neutra e carrega em si uma dimensão tanto afetiva quanto cognitiva. Portanto, por mais racional e descritiva que uma palavra ou discurso possa tentar ser, ela irá conter uma carga emocional (ALEXANDRE, 2001).

Retomando mais especificamente ao campo da identidade, segundo Moraes (2019) para Hall as fronteiras da identidade não são fixas, estão sempre sendo reconstruídas, compondo um conjunto de retalhos superpostos, logo, nossas identidades seriam formadas culturalmente, construídas por um conjunto de contextos especiais, sentimentos, experiências vivenciadas como sujeitos individuais. Nesse contexto, entram os discursos e as práticas que nos atravessariam e que nos convocariam a assumir posições como sujeitos sociais, produzindo, ao mesmo tempo, discursos particulares e subjetividades. Para a autora,

"As identidades sociais devem ser pensadas como construídas no interior da representação, através da cultura, sendo resultantes de um processo de identificação que nos permite posicionarmo-nos no interior das definições fornecidas pelos discursos culturais. Desse modo, nossas subjetividades são produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico" (MORAES, 2019, p. 170).

Partindo disso, podemos observar as articulações existentes entre o conceito de identidade e as RS, segundo Seidmann (2012 apud VASCONCELLOS; CAETANO, 2014) uma das funções das representações sociais é a manutenção da identidade, isso é influenciado pela relação de grupos de importância, que oferecem possibilidades de construções identitárias e sentimentos de pertencimento, que acabam por fortalecer variadas práticas sociais. Como já mencionado, uma das funções das RS é a de prescrever conduta, e tanto para a construção identitária quanto para a elaboração de representações sociais é importante que ocorram os processos de simbolização e significação sociais.

### **2.3 Questões de Gênero e Sexualidade**

Ao adentrarmos os estudos sobre gênero e sexualidades, percebemos como esse campo interage com os estudos de identidade, isso porque como já exposto anteriormente, não são inatas, naturais ou determinadas, essa compreensão nos auxilia a romper com a lógica naturalizante que impera nos discursos que envolve gênero e sexualidade. E isso nada tem a ver com a desconsideração da influência da composição biológica nos corpos, pois nossas identidades são construídas culturalmente, interferindo então na construção dos mesmos (COLLING, 2018).

Nós formamos nossa identidade acionando discursos, palavras e práticas que nos precedem, estando assim já à nossa disposição. Ao responder a clássica pergunta "quem sou eu", construímos nosso texto através de muitos questionamentos, assumindo determinadas posições identitárias. O caráter mutável da identidade irá ao encontro com a mudança dos discursos ao longo do tempo, tornando seu processo de construção um fenômeno relacional, sempre dependendo de um outro (COLLING, 2018).

Socialmente essa correlação colabora para a valorização de determinadas identidades e a subjugação de outras, esse processo em si não é danoso, mas as estruturas de poder se utilizam de símbolos e representações compostos do processo de identidade para a sua manutenção conforme às necessidades. Segundo Colling (2018, p. 11) "Uma representação em uma telenovela, por exemplo, não apenas retrata uma realidade, mas também ajuda no processo de construir ou manter um certo estigma sobre determinados grupos e identidades". Desse modo, a luta pela representação justa e digna se torna um dos focos das políticas que abarcam muitos movimentos sociais e minoritários.

As discussões sobre identidades sexuais e de gêneros são centrais, principalmente, nos movimentos feministas e LGBTQIAP+. Não é de nosso interesse nos deter profundamente no desenrolar dos movimentos, mas cabe apresentar um panorama geral e como isso influenciou nos estudos de gênero e sexualidade. Em relação ao movimento feminista, esse comumente é dividido em ondas e até o presente momento, possui 3, em que se sobressaem importantes conquistas. A primeira onda é bastante marcada pelo movimento sufragista, da virada do séc. XIX para o XX, além disso nesse primeiro momento era muito forte a presença de feministas brancas que colocavam em pauta problemáticas de suas realidades. A segunda onda, tem seu início no final da década de 1960, nesse momento a luta por direitos iguais ganha bastante foco, assim como o surgimento das teorias feministas, abordando questões de desigualdade e poder entre os gêneros. Em resposta a não se sentirem contempladas tão somente pelas pautas

em questão, se dá início ao movimento feminista negro, em que passa a abordar principalmente a importância da ótica da interseccionalidade na compreensão e debate das questões sociais. É a partir da terceira onda do movimento que se desenvolvem vertentes que buscam representar mulheres e as problemáticas de sua realidade social, o feminismo da primeira onda, que era majoritariamente branco e de classe média, já não abarcava a complexidade das relações de gênero e as novas demandas que surgiam (COLLING, 2018).

O que sabemos sobre a história do movimento LGBTQIAP+ é que muito provavelmente a organização em grupos em prol da luta por direitos tenha ganhado significativa força após a Revolta de *Stonewall* nos Estados Unidos em 1969. Já no Brasil, passados dez anos após esse acontecimento é que foi possível a criação de um grupo homossexual organizado<sup>5</sup>. Mas assim como o movimento feminista, vários grupos surgiram dentro do âmbito do movimento geral, quando sentiam que suas pautas não estavam sendo contempladas no grupo primário, como por exemplo, é o caso da criação de coletivos de lésbicas e travestis.

Apesar do conceito de gênero não ter sido criado pelo movimento feminista, foi a partir dele que essa categoria começou a ser pensada e explorada de outra forma, usada a partir desse momento como instrumento de análise e ferramenta política. A partir das reflexões de gênero foi possível pensar e desnaturalizar as diferenças e hierarquias entre homens e mulheres. O conceito foi formulado em meados da década de 1970, demarcando também a sua diferença do conceito de sexo, enquanto este designava as informações cromossômicas, órgãos genitais e características fisiológicas que remetem bastante a questões biológicas. A noção de gênero enfatiza a importância das relações sociais e culturais na construção do mesmo, embora não negue a influência do sexo, este não é determinante nem na construção do gênero nem da sexualidade (LOURO, 2014 apud COLLING, 2018).

Embora o movimento feminista tenha possibilitado diversos avanços nos direitos das mulheres, quebra de naturalizações e reflexões acerca do gênero masculino e feminino, segundo Nogueira (2001) através de discursos construídos socialmente, a ideologia dominante ainda é sólida, no que diz respeito a manutenção de uma ordem social que perpetua as desigualdades e o sexismo. A visão do papel social da mulher, ainda que fragilizada, permanece enraizada no imaginário social, a passividade, o cuidado com o lar e as ditas funções femininas ainda são demandas silenciosas que rondam o gênero feminino. Esse processo gera impacto na construção de identidades e subjetividades, muitas vezes acarretando também sofrimento, pois essa construção se dá a partir do que é dito nas relações que estabelecemos com o outro.

Ainda assim, é cabível a menção dos estudos *queer*, que começaram a ser desenvolvidos no final da década de 1980 principalmente nos Estados Unidos. No Brasil o pioneirismo desses estudos apresenta controvérsias, enquanto alguns teóricos sugerem que se deu início com os textos publicados por Guacira Lopes Louro em 2001, outros afirmam que em 1995 já tínhamos publicações nesse sentido no nome de pesquisadoras como Karla Bessa. Judith Butler é considerada como uma das pioneiras no campo de estudos *queer*, afirma que ao adotar essa nomenclatura subvertem a associação anterior que a palavra tinha com insultos e patologias. Dessa forma esse campo se dedica a compreender *queer* como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas (BUTLER, 2002, p. 58)

---

<sup>5</sup> Grupo Somos (1978-1983)

Dessa forma, os estudos destacam os modelos sociais que normalizam as relações sexuais, com a intenção de desconstruir o argumento de que a sexualidade e o gênero seguem um curso natural. Butler (S/A apud COLLING, 2018) aponta para como a sociedade exige que todos sigam uma linha reta no quesito sexo-gênero-desejo, e ao fazer essa exigência, a sociedade trabalha na manutenção da heterossexualidade compulsória e heteronormatividade, que aludem a lógica do comportamento hétero ser a norma. Entretanto, a autora ainda aponta que apesar do controle dos corpos, de gênero e das práticas sexuais, o controle do desejo dos sujeitos é difícil, pois o desejo sempre escapa, seja ele por pensamentos ou fantasias. Essa noção nos ajuda a compreender que não apenas a comunidade LGBTQIAP+ transgride a linha imposta pelas normas.

Os estudos de *queer* e de gênero anteriormente citados, aludem ao fato de que a sexualidade de cada pessoa será resultado de diversas influências do meio que vivemos, e isso revela também o poder dos discursos que buscam naturalizar apenas uma dessas orientações, que no caso é a heterossexual. Dessa forma, Colling (2018, p. 46) afirma:

“As identificações e os prazeres são acionados por um sem número de outras coisas, a exemplo de imagens, padrões corporais, experiências anteriores, associações que fazemos de forma consciente ou não. Isso não quer dizer que a ação de apenas uma pessoa seja determinante para a sexualidade de alguém. Os processos de identificação, todos eles, desde porque gostamos de determinada cor e não outra, sofrem milhares de influências externas que são decodificadas de formas igualmente diversas pelos sujeitos. Isso também explica porque, mesmo sendo educados para sermos heterossexuais, muitas pessoas não decodificam a mensagem como deseja a maioria e orientam o seu desejo para outras direções.”

Foucault (1988 apud CASSAL, GARCIA, BICALHO, 2011) aborda a existência de um dispositivo da sexualidade, que se estabelece no século XVIII, através da ampliação de regimes de verdade e olhares sobre o sujeito. A sexualidade torna-se um dispositivo de controle, tanto de corpos, quanto de modos de existência. Esse dispositivo é potente na medida que opera em um ponto de intersecção do biopoder, atravessa a regulação das práticas e incide também na delimitação de gêneros. Produzindo formas de experimentação e vivência da sexualidade como ilegítimas, na intenção não de exterminá-las, mas para a perpetuação e manutenção das relações de poder.

Dessa forma, a biopolítica é exercida através de normatizações, que não aparecem como documentos legais que podem ser consultados, mas envolve toda a produção de uma verdade em torno daquelas normas, os sujeitos passam então a se aprofundar e construir subjetividades em identidades relacionadas ao corpo e as experimentações sexuais e de gênero. E assim, se mantém reforçando segmentações, discriminações, pois tudo precisa estar no seu devido lugar. Aquilo que bagunça as categorias normativas incomoda, e para estes é preciso achar um lugar identitário (CASSAL; GARCIA; BICALHO, 2011).

No atual contexto cultural que nos encontramos, a mídia exerce grande influência nas escolhas das imagens e comportamentos que devem moldar a sociedade. Segundo Flausino (2002, p. 3) “Reconhecer-se numa identidade midiática é resposta, em termos de audiência, a uma interpretação da realidade e resposta que confirma a aceitação de pertencimento a um grupo social”, dessa forma, percebe-se como o posicionamento social e a construção da identidade, assim como a compreensão da sexualidade é atravessada por diversos locus sociais, esses permeados de relações de poder, em que vemos constantemente a tentativa de naturalização de processos que na realidade são muito mais complexos e multifatorial.

## 2.4 *Ai Laik Heda*<sup>6</sup>: explorando as nuances da personagem Lexa

*Leksa Kom Trikru* (Lexa do clã da floresta), ou apenas Lexa, foi uma personagem secundária da série de TV americana “*The 100*” (Os cem) transmitida pelo canal de televisão CW e distribuída na plataforma de streaming Netflix, contando com um total de sete temporadas. O enredo da série gira em torno de um ambiente distópico e pós apocalíptico, em que parte da população da Terra se abrigou em uma estação espacial para fugir da radiação terrestre, causada pelos bombardeios nucleares na Terra. Passados 100 anos desse evento, os líderes da estação espacial nomeada como Arca, decidem enviar 100 delinquentes e menores de idade à Terra para averiguar se é propício o retorno da população. O que os líderes não esperavam, é que esses adolescentes teriam que lidar não somente com os desafios do novo ambiente, mas também com os terra-firmes, que correspondiam a parte da população da Terra que conseguiu sobreviver à radiação e assim construíram uma nova cultura e modo de vida. Vemos então surgir uma gama de conflitos entre a imposição de vida e poder dos que vieram da estação espacial (povo do céu) e dos que permaneceram vivendo na Terra. Após uma sucessão de eventos perigosos, a delinquente Clarke Griffin assume o posto de líder e diplomata do então chamado povo do céu e tem a missão de tentar estabelecer uma aliança com o comandante dos terra-firmes.

A personagem em questão, Lexa, por se tratar de uma personagem secundária, faz sua primeira aparição na segunda temporada da série, no episódio intitulado “Névoa da Guerra”, após a morte de sua mentora, Anya, que anteriormente mantinha contato com o povo do céu. A partir disso, sua aparição ocorre de forma recorrente até a terceira temporada, com pouco tempo de tela e menções esporádicas nas demais. Objetivamente, a personagem aparece em 9 episódios da segunda temporada, 6 da terceira e 1 da sétima, contando com menções em 32 episódios. A última aparição da personagem deveria ter sido no episódio 7 da terceira temporada, intitulado como “Treze”, em que a personagem morre após ser atingida por uma bala perdida. Entretanto, com a imensa revolta dos fãs diante da morte da personagem e, consequentemente, com a queda dos picos de audiência<sup>7</sup>, a personagem retornou para uma participação especial e de uma maneira não muito convencional, no episódio 16 (Instanciação Perversa Parte 2) da terceira temporada, em 2016, e, posteriormente, no episódio 16 da sétima temporada (A Última Guerra) em 2020, através de uma realidade alternativa.

Como uma personagem que aparece em apenas 16 de 100 episódios de um seriado ganha tanta relevância e importância para o público? De imediato podemos dizer que a atenção estava voltada para um acontecimento inédito nas séries americanas, em que a personagem líder era uma mulher abertamente bissexual (Clarke Griffin)<sup>8</sup> e que posteriormente iria manter uma relação com uma personagem secundária lésbica (*Leksa Kom Trikru*). Isso, muito provavelmente, chamou atenção especialmente da comunidade LGBTQIAP+. Entretanto, por se tratar de uma série distópica, a proposta se concentrava em torno de conflitos morais que envolviam a sobrevivência dos dois povos em batalha e qual desses seria o mais forte para sobreviver.

Portanto, questões de gênero e sexualidade não eram o foco dos roteiristas ou relevantes de modo que fossem quesitos que fizessem a trama girar, na verdade, para além da

<sup>6</sup> *Ai Laik Heda* em *trigedasleng* que é traduzido como “Eu sou a comandante”

<sup>7</sup> Disponível em:

<https://observatoriodocinema.uol.com.br/listas/2018/06/saidas-de-personagens-que-fizeram-series-perder-muita-audiencia>. Acessado em 26 de Junho de 2022.

<sup>8</sup> Disponível em; <https://www.advocate.com/bisexuality/2015/02/26/cw-has-first-bisexual-lead-character> Acessado em 26 de junho de 2022.

personagem Lexa, a ocupação de cargos de poder e liderança por outras mulheres, pessoas não-brancas e personagens LGBTQIAP+ eram presentes na trama. O fato de a orientação sexual não ser relevante para a trama, não faz com que isso não seja relevante na realidade social, considerando esse contexto observa-se que a presença da representatividade de minorias em uma série de TV, principalmente ocupando papéis de destaque, repercutiu como uma vitória e influenciou aqueles que assistem e se identificam com as personagens.

Dessa forma, devemos entender quem era a personagem Lexa e como se encaixava na narrativa. Treinada desde a tenra idade para assumir o comando dos clãs, Lexa fazia parte de um grupo seletivo chamado sangue noturno, segundo suas crenças, os únicos escolhidos e capazes de portar a chama que guia o comandante durante seu governo. Lexa venceu a batalha de vida ou morte com outras crianças sangue noturnos e assim assumiu o trono, fazendo algo inédito no processo de ascensão, conseguiu em idade jovem se tornar uma guerreira habilidosa e diplomata em que conseguiu reunir sobre uma coalizão 12 clãs antes separados, colocando as necessidades de seu povo antes dos seus desejos. O papel de comandante sempre foi algo central na história de vida da personagem, sua trama gira principalmente em torno desse fato, mas ainda assim, somos apresentados ao seu enlace amoroso. Costia era seu nome, que foi morta em decorrência de seu posto e poder. A mulher com quem Lexa mantinha um relacionamento foi sequestrada por um dos clãs, torturada e morta, tendo sua cabeça posteriormente entregue a comandante. Mesmo diante desse fato, Lexa priorizou a coalizão dos clãs, permitindo que mantivesse o acordo de paz. Entretanto, o senso de dever com seu povo é abalado quando Lexa conhece Clarke, a personagem passa então a tomar decisões influenciada pelos conselhos da outra, nunca obviamente esquecendo de seu povo, mas flexibilizando as antigas regras diante das novas propostas trazidas por Clarke, também influenciada por seu afeto e medo de perder seu novo interesse amoroso. A personagem fica dividida entre o sentimento de um novo amor e a lealdade a seu povo.

Devido ao fato de Lexa ser uma personagem secundária, em comparação com Clarke, a personagem principal da série, o desenvolvimento da personagem deixa a desejar, podendo ser considerado de certa forma superficial, não temos um aprofundamento na sua infância ou nos relacionamentos, com exceção do seu relacionamento com a Clarke. Dito isso, depois do primeiro encontro entre Clarke e Lexa, a figura da personagem sempre está associada a outra, seja uma interação direta em cena ou menções em conversas que envolvem tanto a diplomacia com o povo do céu, quanto os sentimentos da Lexa.

Além do carisma apresentado pela atriz Alycia Debnam-Carey na sua atuação como Lexa, os detalhes da caracterização da personagem e da sua trama são muito importantes e interessantes de serem mencionados para entendermos a afeição desenvolvida pelo público e a reação de extrema revolta pela sua morte. Pode-se observar durante os episódios em que a personagem aparece, que seu figurino, porte e modo de falar, servem para sutilmente simbolizar uma pessoa que ocupa uma posição de bastante poder. O figurino principal usado pela personagem consiste basicamente em uma armadura confortável, composta por camiseta, calça, botas, luvas e adereços de metal e couro, que seguram as vestimentas no corpo, todos em cores pretas e/ou escuras, se estendendo pela cintura, ombros, punhos e coxa. Sendo esse o figurino que mais pode ser observado nos episódios, presente em cenas de encontro com os potenciais inimigos. No decorrer das cenas, vemos algumas pequenas alterações, consistindo no acréscimo de uma ombreira maior em um único ombro em que se pode observar uma faixa vermelha longa e uma medalha dourada na testa, geralmente esse figurino é observado sendo usado em reuniões com os clãs e demonstrava o status de comando, referentes principalmente

à diplomacia. Como dito anteriormente, o figurino seria uma adaptação do que seria uma vestimenta de batalha.

Além disso, os personagens que ocupam postos de poder dentro dos clãs apresentam pinturas faciais, usadas principalmente em encontros com inimigos e batalhas. A pintura da personagem em questão é caracterizada por uma faixa preta que cobre a área dos olhos, em que escorrem 3 linhas trêmulas por sua bochecha, na cor preta, simbolizando o sangue da noite. Segundo Andrade e Vianna (2017) a pintura reproduzida em seu rosto é semelhante a pinturas faciais tribais e indígenas de diferentes origens, estas tendo diversos significados, entre eles o de guerra, em que a pintura pode ser tanto um pedido de proteção como uma ameaça. Pinturas faciais podem simbolizar, além disso, status, dependendo de seus desenhos. A pintura facial de guerra da personagem virou uma tendência entre os fãs e rapidamente é associada a personagem em questão.

A caracterização da Lexa é feita intencionalmente para que o público absorva a posição de poder e não submissão ocupada por aquela mulher, revertendo a lógica das relações de gênero que temos em nossa sociedade, apesar de ser um figurino justo no corpo, em nenhum momento a sexualiza. A série nos apresenta uma personagem que rompe a lógica da mulher como frágil, ao passo que não é estereotipada no masculino por ser lésbica. A personagem mantém feições e atributos considerados femininos, mesmo estando em uma posição social que é tida como não-feminina para a nossa realidade.

Outro ponto importante que chamou atenção do público, tanto para série quanto para a personagem, foi claramente a relação amorosa construída entre Clarke e Lexa, apelidado pelos fãs como “*Clexa*”. O relacionamento se inicia com Clarke e Lexa como inimigas, ambas líderes de povos opostos e em conflito, em que passam a primeira e metade da segunda temporada em guerra, até que Clarke solicita uma reunião com o comandante dos terrestres, ainda sem saber que se tratava de uma mulher, mas isso não muda a proposta de paz e união dos povos contra um inimigo em comum, os homens da montanha. A partir disso, Lexa e Clarke começam a perceber semelhanças que vão além do fato das duas ocuparem cargos de liderança e passam a se aproximarem durante esse tempo juntas, passando a tomar decisões juntas, visando o bem estar de ambos os povos. Até que no episódio 14 da segunda temporada (Guarda-costas das Mentiras) elas se beijam, porém Clarke afirma não estar pronta, se remetendo a morte do seu parceiro amoroso anterior, Finn, que foi morto por ordens da Lexa em busca de justiça por um massacre feito em um vilarejo.

O relacionamento continua a se desenvolver e Lexa passa a compartilhar alguns aspectos de sua vida com Clarke, que vão além da atividade de comando. A perda em comum de seu par amoroso decorrente de conflitos entre os povos também foi algo que aproximou os enredos de Lexa e Clarke. Entretanto tudo fica tenso depois que Lexa a trai, quando escolhe seu povo e faz um acordo com os homens da montanha, desconsiderando o povo de Clarke. Elas voltam a se reunir na terceira temporada, apesar dos protestos e desaprovação de Titus, guardião da chama de Lexa, conselheiro e um mentor dos sangues noturnos. Ele relembra a todo instante a personagem que ser *Heda*<sup>9</sup> é estar sozinha, colocando os deveres acima de tudo, que amor é fraqueza.

Diante disso, podemos afirmar que as semelhanças entre ambas as personagens a aproximam, ambas líderes jovens, com grandes decisões, entendiam bem os sacrifícios que faziam em virtude desse posto, além da perda dos amores e é claro de se salvarem em

---

<sup>9</sup> *Heda* em *trigedasleng* que é traduzido como comandante.

diversos momentos da trama. Para além disso, o criador e *Showrunner* da série, afirma em entrevistas que a Lexa era o amor da vida da Clarke<sup>10</sup>

Chegamos então ao último ponto de exposição da trajetória da personagem, sua morte, fator que causou grande comoção e revolta na fã *base*. Não é incomum para a trama da série que os personagens morram, já que se passa em um contexto bastante violento, incerto e distópico. A própria Lexa se encontrava em uma posição muito delicada e cercada de ameaças que a expunha ao perigo. Como guerreira e líder, estava sempre envolvida em conflitos e por vezes na trama cita a própria morte. Suas falas demonstravam que a personagem aceitava o fato de que sua vida poderia ser curta, mas que seu povo não sofreria por isso, pois o espírito do comandante escolheria o próximo a ocupar o posto. Apesar disso, a forma como a morte da personagem ocorreu envolve bastante subtextos e um simbolismo que chega a ser violento para o público que se identificou com ela, principalmente a comunidade lésbica e sáfica<sup>11</sup>.

Começamos com a desaprovação flagrante de Titus, que várias vezes repete para Lexa que amor é fraqueza, afirmando que seus sentimentos colocam ambas as personagens em perigo, relembrando que a morte da Costia foi também sua responsabilidade, já que ela não soube lidar corretamente com seus deveres como comandante. Obviamente, Lexa não reage bem a tais observações, mas demonstra que foi capaz de separar deveres de sentimentos, quando aceitou o clã assassino de Costia em sua coalizão. A afirmação dita para a personagem é violenta, pois atrela os sentimentos de amor sentidos pela personagem sempre a contextos de perigo e morte, ou seja, traz para a realidade social, que os sentimentos da personagem sempre estarão atrelados ao sofrimento, especificamente nesse contexto, sentimentos direcionados a figuras femininas.

Pode-se observar então a seguinte lógica, se em um primeiro momento a punição do amor de Lexa pela Costia, resulta na morte brutal de Costia, em um segundo momento o amor de Lexa por Clarke, resulta em sua própria morte. Poucos segundos depois de ter seus sentimentos correspondidos e se relacionar sexualmente com Clarke, Lexa é atingida no abdômen por uma bala perdida e minutos depois morre.

Destrinchando melhor a cena, em uma tentativa de se livrar da paixão da comandante e ao mesmo tempo culpar o povo do céu, iniciando uma guerra, Titus encurrala Clarke em uma sala e dispara em direção a ela. Durante a cena de perseguição, Titus dispara duas vezes, mas não acerta Clarke. Infelizmente, no terceiro disparo, Lexa entra no cômodo e é atingida no abdômen. Titus sentia-se no direito de ceifar a relação entre Clarke e Lexa, assim como aconteceu com Costia. Em um curtíssimo espaço de tempo, 65 segundos para ser mais exata, separa um momento de felicidade e de amor da personagem com Clarke e o óbito de Lexa, revelando mais uma vez o aparecimento da punição como metáfora para o tipo de afeto demonstrado pela personagem. A trama foi chocante para os telespectadores, em que a mudança de atmosfera entre as cenas foi abrupta, não podendo deixar de fazer associação entre o tipo de amor e a punição consequente deste.

Apesar de ser uma guerreira habilidosa, Lexa morreu vítima de uma bala perdida, sem chance de defesa, não morrendo a partir de suas escolhas diretas, status ou luta, mas sim por quem amava. A percepção do público ao contexto é de que personagem morre em um

---

<sup>10</sup> Disponível em;

<https://www.justjaredjr.com/2017/01/22/lexa-was-the-love-of-clarkes-life-the-100-showrunner-says/>. Acessado em 27 de Junho de 2022.

<sup>11</sup> Trata-se de um termo guarda-chuva cunhado para englobar todas as mulheres que tenham atração, exclusiva ou não, por outras mulheres.

situação de vulnerabilidade, no momento do disparo, a personagem estava despida de seus trajes característicos, sem armadura ou maquiagem de guerra, sem a moeda dourada ou faixa que representavam seu status como comandante, ou qualquer outro símbolo que remetesse a força e ao poder demonstrado durante o decorrer da série.

### 3 METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo com abordagem qualitativa, do tipo documental. A pesquisa qualitativa está fundamentada na presença de um corpus de pesquisa, que pode configurar temas de análise, estimulando inferências através deles. A análise qualitativa, se caracteriza como um procedimento mais intuitivo do que a análise quantitativa, sendo mais maleável e, portanto, mais adaptável a índices não previstos ou mudança/evolução nas hipóteses (BARDIN, 2011).

A pesquisa documental é um tipo de pesquisa que se utiliza de fontes primárias, ou seja, consiste em um exame de diversos materiais que ainda não foram tratados cientificamente ou analiticamente, através dos dados obtidos nos documentos, busca-se compreender novos conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos<sup>12</sup>. Para Bardin (2011) esse tipo de pesquisa teria por objetivo tornar a estrutura conveniente e representar de outro modo as informações contidas nas fontes primárias, através de procedimentos de transformação podemos criar documentos secundários (representação do primeiro) a fim de facilitar, por exemplo, a compreensão, mas também a sua consulta e referência.

O corpus de análise foi composto por 6 artigos publicados em blogs/plataformas diversos, mas que eram direcionados principalmente ao público que consome seriados e também à comunidade LGBTQIAP+. Os textos foram encontrados através de pesquisa no *google* com os termos chaves “lexa” “*the 100*” “morte” e “legado”. Nesse sentido, considerou-se como critérios de inclusão os textos em português, publicados na internet que faziam menção à morte da personagem Lexa e a repercussão do fato. Foram desconsiderados os textos que citavam os termos chaves, mas no corpo textual apenas faziam menção ao acontecido, sem maiores informações.

No quadro abaixo estão apresentados os artigos que compuseram o corpus de análise e seus respectivos endereços na internet:

**Quadro 1** - Apresentação dos textos utilizados para análise.

<b>Data</b>	<b>Título do Texto</b>	<b>Site de busca</b>	<b>Identificação</b>
12 de março de 2016	Lexa, Denise, Mimi e a perturbadora mania de matar personagens lésbicas na TV	<a href="https://observatoriodocinema.uol.com.br/artigos/2016/04/lexa-denise-mimi-e-a-perturbadora-mania-de-matar-personagens-lesbicas-na-tv">https://observatoriodocinema.uol.com.br/artigos/2016/04/lexa-denise-mimi-e-a-perturbadora-mania-de-matar-personagens-lesbicas-na-tv</a>	(Lexa, Denise, Mimi)

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://biblio.direito.ufmg.br/?p=5114#>>. Acesso em: 26 de julho de 2022.

16 de março de 2016	O que é isso de The 100 e #LGBTfansdeservebetter	<a href="https://danamartins.wordpress.com/2016/03/16/o-que-e-isso-de-the-100-e-lgbtfansdeservebetter/">https://danamartins.wordpress.com/2016/03/16/o-que-e-isso-de-the-100-e-lgbtfansdeservebetter/</a>	(#LGBTfansdeservebetter)
19 de março de 2016	A revolução Lexa e a luta LGBTQ	<a href="https://grupohpm.lgbt/a-revolucao-lexa-e-a-luta-lgbtq/">https://grupohpm.lgbt/a-revolucao-lexa-e-a-luta-lgbtq/</a>	(A revolução Lexa)
07 de dezembro 2017	O legado da comandante Lexa	<a href="https://debnamcareybr.com/artigo-o-legado-da-comandante-lexa/">https://debnamcareybr.com/artigo-o-legado-da-comandante-lexa/</a>	(O legado da comandante)
22 de setembro de 2018	Pro Mundo (Out!)   O Legado de Lexa	<a href="https://lesbout.com.br/pro-mundo-out-o-legado-de-lexa/">https://lesbout.com.br/pro-mundo-out-o-legado-de-lexa/</a>	(Para o mundo)
21 de maio de 2019	O mundo antes e depois de Heda Lexa	<a href="https://lesbout.com.br/o-mundo-antes-e-depois-da-lexa/">https://lesbout.com.br/o-mundo-antes-e-depois-da-lexa/</a>	(Heda Lexa)

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2022.

Os dados foram analisados conforme os pressupostos da análise de conteúdo. Segundo Laurence Bardin (2011) a análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas usadas na análise das comunicações, é um campo bastante vasto, visto que tudo que é comunicação ou que possui significação, parece ser suscetível a esse tipo de análise. Portanto, qualquer material de comunicação que parte de um emissor para um receptor, seja controlado ou não, deveria ser passível de análise através das técnicas dessa metodologia.

Bardin (2011) afirma que a finalidade desse tipo de análise é deduzir certos dados que nos permitam entender as condições de produção do material, como por exemplo, o contexto sociocultural do mesmo. Apesar da análise de conteúdo se utilizar de alguns procedimentos sistemáticos (inferência, codificação, dedução e etc.), o objetivo das análises não se limita apenas à descrição pura e simples dos conteúdos das mensagens, mas se amplia no que ele pode nos transmitir para além do que está posto.

O trabalho tem como foco a análise temática que permite a contagem de um ou vários temas, ou itens de significação, numa unidade de codificação previamente determinada. Sendo assim, o manejo da análise envolve três etapas gerais: 1) pré-análise: sendo a fase de organização propriamente dita, é um período marcado pela intuição e dedução, mas tem por objetivo sistematizar as ideias iniciais, de forma com que possa guiar as próximas etapas do processo de análise, nessa primeira etapa geralmente se cumpre três objetivos gerais, que seriam a escolha dos documentos, a formulação das hipóteses e objetivos e por fim a elaboração dos indicadores que auxiliam na interpretação final. 2) exploração do material:

essa fase que tende a ser um pouco mais demorada, consiste em processos de codificação, decomposição ou enumeração (se necessário), em função de regras previamente definidas, ou seja, consiste basicamente na fase de análise propriamente dita. 3) tratamento dos resultados obtidos e interpretações: corresponde ao momento em que o analista possui em sua disposição dados da análise feita anteriormente, a partir disso será possível propor inferências e interpretações em resposta tanto aos dados quanto às hipóteses e objetivos anteriormente estabelecidos (BARDIN, 2011).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 Categorias de análise

#### 4.1.1 Narrativas punitivas quando ocorre fuga da heteronormatividade

A série norte-americana *The 100* prometia direta e indiretamente que sua representação da personagem lésbica, Lexa, iria quebrar as representações estereotipadas e fatalistas que podia se observar em outras narrativas midiáticas. Dessa forma, apesar dos problemas da série, como consistência de roteiro e construção de personagens, o seriado dava um passo à frente, quando apresenta ao seu público uma personagem, que até 2016, apresentava características e desenvolvimento nunca vistas juntas em uma só caracterização, uma mulher líder e guerreira, corajosa, respeitada por todos, em que sua vontade se fazia presente, assim como sua sexualidade e apesar disso ela não era rechaçada. Além disso, a construção e o romance ocorrido entre Lexa e Clarke, protagonista da série, foi também um dos motivos da notoriedade não só da personagem, como também da série, os fãs se afeiçoaram à perspectiva de um futuro melhor.

Através da análise dos textos, passagens como “O escritor do episódio 3×07, Javi, falou que eles sabiam do trope *Bury Your Gays*” (#LGBTfansdeservebetter) e “Os próprios roteiristas pediram aos fãs que confiassem neles, que a série era progressista e que eles não pensavam na “Síndrome da Lésbica morta” que já matou inúmeras personagens lésbicas na TV” (A revolução Lexa), demonstram que os escritores e roteiristas estavam criando um espaço de confiança e segurança para seu fãs LGBTQIAP+ o que fazia com eles mais fortemente dessem um voto de confiança a essa nova representação que prometia o que antes não tinha sido feito, além de se implicarem ainda mais com a história da personagem e seu romance. É por isso que foi brusco, chocante e brutal quando em uma mudança de atmosfera rápida, a personagem Lexa, morre vítima de uma bala perdida, além disso, os fãs passam a perceber que foram enganados por aqueles que pediram sua confiança.

O sentimento de angústia e traição fica evidente na revolta dos fãs quando expressam “Engajar espectadores em personagens que colocam a representatividade em pauta e depois dispensá-los dessa forma não é só desapontador e doloroso – é, de uma forma muito palpável, ofensivo” (Lexa, Denise, Mimi), e continuam quando mencionam “pf, não poste a foto das atrizes comendo docinho de arco-íris quando uma das personagens já está morta e você não parou pra considerar o que isso significa pra comunidade LGBT+” (#LGBTfansdeservebetter). E nesse ponto fica evidente através da análise, que a morte da personagem em si, não foi o que causou a revolta dos fãs propriamente, mas sim a forma como foi feita, causada para adicionar drama a trama e para movimentar acontecimentos, assim em como todas as mortes de personagens LGBTQIAP+ pelo tropo *Bury your gays*, para trama a morte em si da personagem teve pouca ressonância e quase nenhum significado, a não ser para sua amante Clarke.

Dessa forma, cientes do que estavam fazendo, podemos imaginar que os escritores e roteiristas foram cegados pelo privilégio de não estar na posição de uma minoria, que até o momento se contentavam com migalhas de representações midiáticas. Como já mencionado anteriormente o tropo *Bury your gays*, envolve questões de relações de poder, o uso do tropo reforça a subjugação e punição para aqueles que fogem a heteronormatividade, ao passo que tenta normalizar e naturalizar todo o universo relacionado aos relacionamentos heterossexuais. O tropo não é algo que passe despercebido para a comunidade LGBTQIAP+, no texto (Lexa, Denise, Mimi) recorre ao fato de que “Dói ver que, mesmo que os roteiristas reproduzam isso inconscientemente, a história mais comum de uma personagem lésbica na TV é uma em que ela é imediatamente “punida” por se apaixonar por outra mulher”.

Pode não ter sido a intenção do seriado, mas a intuição que rondava os fãs de que em qualquer narrativa “A lésbica sempre morre” se concretiza mais uma vez. E nesse ponto, refletimos o que essa narrativa endossa? O que comunica aos jovens fãs e LGBTQIAP+ que investem tempo e afeição em um programa que os prometia esperança? Aqui vemos uma tentativa sutil, mas violenta de preconceito que é arraigado no imaginário e nas representações sociais e midiáticas da comunidade LGBTQIAP+, mesmo com a afirmação de que não era a intenção da série causar tamanho mal estar, isso não impediu que caíssem em uma narrativa batida e danosa, ao qual foram avisados incansavelmente pelos fãs. Segundo Marshal (*et al.*, 2011 apud GUERRERO-PICO; ESTABLÉS; VENTURA, 2017), esse caráter de representação evidencia uma dupla discriminação, aqui nos referimos a personagem ser uma mulher lésbica, sujeita assim tanto a relações de poder patriarcais quanto heteronormativas. Ainda assim, o relato das altas taxas de depressão e suicídio na parcela de jovens LGBTQIAP+, nos faz refletir o significativo impacto negativo que más representações podem causar<sup>13</sup>.

A compreensão que nos chega é que os escritores e diretores usam a comunidade para alavancar sua audiência, movimentar tramas de terceiros, pontuar dramas em suas narrativas e quando conseguem tudo isso, seus personagens LGBTQIAP+ sofrem mortes trágicas, ocasionadas pelo acaso e pelo destino, mas que sempre ocorrem após um rompante de felicidade ou reciprocidade amorosa. O impacto causado não é de tristeza pela narrativa, mas por constatar que suas histórias não são contadas com respeito e parecem não terem importância quando não se é hétero. Trata-se de uma angústia de perceber que um personagem com o qual se divide um traço tão marcante, aparenta não ter um futuro feliz.

As narrativas são importantes, especialmente essas, que são compartilhadas através de grandes veículos midiáticos, causam um grande impacto e influenciam a forma como enxergamos as nuances das relações sociais. As palavras direta dos fãs, pode nos mostrar o imaginário negativo que se cria em decorrência das narrativas punitivas, “Você espera que a garota lésbica morra – isso é, no mínimo, bizarro. Pra piorar, isso também entra em um contexto maior de invalidação e apagamento da comunidade LGBT+” (#LGBTfansdeservebetter), “É uma mensagem cruel, e uma que vimos repetida tantas vezes no cinema e na TV que fica difícil engolir” (Lexa, Denise, Mimi).

#### **4.1.2 Os impactos da representatividade na realidade social**

Como já exposto, a mídia intencionalmente tende a dar um tom mais pessoal e íntimo aos seus programas, especificamente nos seriados. A construção dos personagens é feita para

---

<sup>13</sup> Estudo realizado nos Estados Unidos (2016) demonstrou que o índice de ideação suicida entre homens e mulheres da população LGBT mostram taxa de 36% e 42%.

formar relações com os fãs, quanto mais investimento por parte deles, mais durável e rentável o seriado se tornará. A Teoria das Representações Sociais nos permite entender como um personagem que não “pertence” ao público acaba se tornando parte do mesmo, em algum momento a representação adquire “vida própria”, circula no imaginário social de forma que influencia nas relações, na construção de identidades, no fortalecimento de determinadas práticas sociais e também auxilia na elaboração da compreensão da realidade social (MOSCOVICI, 2003, p. 41).

A representação de um personagem em uma novela ou seriado não se desliga de um compromisso social, na trama isso pode não importar. Mas a construção e manutenção do mesmo na realidade social auxiliará no processo de construir ou manter determinados pensamentos e estigmas sobre identidades e grupos, aqui podemos relacionar facilmente com a manutenção das relações de gênero e vivência das sexualidades (COLLING, 2018).

As facilidades com que as/os fãs da comunidade LGBTQIAP+, especialmente as lésbicas, bissexuais e sáficas, se identificaram com a personagem Lexa, demonstra que esse público pode finalmente se identificar em uma narrativa que fazia parte do seu dia a dia, pelos menos inicialmente, e que se olharmos bem, raramente era bem representada na TV. Neste momento não estamos falando de um contexto pós-apocalíptico, mas do retrato de uma mulher forte, líder e que ama outras mulheres sem que isso consequentemente acabasse em sofrimento.

E mesmo aqui, apesar de todo o amor pelas personagens, os fãs sabiam que essa representação ainda não era perfeita, dificilmente a comunidade vai encontrar algo tão próximo do real ou ideal, mas quando o passo é dado em relação ao avanço, a perspectiva de esperança é eufórica, endossada a partir do trecho “Papéis como esses raramente são tão bem retratados e, como já vimos, ainda mais raramente tão bem escritos. Mas o legado que resta é inspirador” (O legado da comandante). A personagem conseguiu trazer mesmo que por pouco tempo o reconhecimento a uma minoria que vinha sendo mal representada nas produções midiáticas, e sua morte demonstrou como as representações e representatividade tem um impacto imenso na realidade social, reforçando assim, o poder de normatização, de instauração de saberes, de produções de verdade e de regulação das relações (FLAUSINO, 2002). Diante disso, imaginamos que o meio audiovisual tenha consciência do seu papel nas relações sociais, chegou o momento em que eles passam a ser e aceitarem a sua responsabilidade nas narrativas que contam de forma transparente.

Em um primeiro momento então, cabe falarmos dos impactos negativos da morte da personagem Lexa, e como mesmo em uma trama de vivência pós-apocalíptica, o público ainda assim, consegue enxergar suas dores representadas nas narrativas do seriado. Em “Lexa, Denisse, Mimi” é notado que “o ponto não é exatamente que Lexa morreu ou saiu da série... ao invés disso, o problema foi como a saída da personagem foi tratada, e como a equipe da série reagiu à indignação dos fãs”. Assim deixam claro que sabem que na trama, a personagem não morre propriamente por ser lésbica, mas que é impossível ignorar a mensagem entrelinhas que essa narrativa passou para os seus jovens fãs LGBTQIAP+ que assistiam ao episódio 7 da terceira temporada.

A aceitação pessoal por parte do sujeito como alguém que se expressa sexualmente ou em relação a identidade de gênero diferente do que é imposto socialmente como o correto e padrão, é acompanhado de consequências negativas e sofrimento, rejeição familiar e de amigos, morte, perigos reais, violência física e psicológica. Essas ocorrências se mostram como acontecimentos que o próprio sujeito reconhece como fora de seu controle, ter a

personagem que muitos amavam morrendo vítima de algo que escapa das suas mãos é metaforicamente muito parecido com tantas outras violências sofridas por eles.

As consequências emocionais da morte da comandante foram visíveis dentro da comunidade de fãs, expressa em sentimentos de revolta, ira, dor, sofrimento e angústia. Segundo um dos textos (O legado da Comandante) “O Projeto Trevor fornece “serviços de intervenção de crise e prevenção de suicídios para jovens lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e questionadores (LGBTQ) de 13 a 24 anos de idade. Perturbadoramente, esta linha direta teve que ser distribuída em massa após a morte de Lexa”. As representações influenciam e tem peso, é doloroso e violento quando uma jovem lésbica, por exemplo, senta-se para assistir TV e se reconhece em uma personagem e percebe automaticamente que ela morrerá em um futuro próximo e que inevitavelmente a perspectiva de um futuro feliz desabe junto com a personagem.

Entretanto, apesar dos impactos negativos em decorrência da morte da personagem, a sua ocorrência também causou algo positivo, pois mesmo aqueles que não acompanharam a personagem, sabem de sua existência. Lexa também representava o amor, ela era uma guerreira, lutava pelo que acreditava, não temia a morte, portanto, este não precisa ser o seu único símbolo.

Mesmo com o declínio da representatividade da personagem Lexa, podemos confirmar através da análise que ainda sim, ela foi um marco como uma das melhores e positivas representatividades lésbicas no meio audiovisual. Boas representações LGBTQIAP+ irão influenciar diretamente na forma como a comunidade se enxerga no mundo e até como as outras pessoas são receptivas a comunidade. Para além disso, os meios de comunicação de massa ocuparão também a via pela qual muitas pessoas LGBTQIAP+ irão acessar informações, sendo assim seu acesso primário a elas, isso devido a escassez de auto identificação ou até mesmo a validação da identidade e sexualidade em alguns contextos (Bond et al., 2009 apud GUERRERO-PICO; ESTABLÉS; VENTURA, 2017). Através da representação lésbica da personagem Lexa, podemos observar um passo para a normalização e afirmação da experiência lésbica nas mídias audiovisuais, a redução de sentimentos negativos e a vozes de orgulho diante das próprias identidades.

Os conteúdos reverberam como potências para melhorar a autoestima, autocompreensão, formação de identidade, orgulho e inspiração para a comunidade LGBTQIAP+. Funcionando também como agentes de socialização e de conduta, mais uma vez as palavras dos fãs reverberam com força daqueles que sabem a importância das representações nas relações sociais “E através dele nesse momento nós temos a chance de mostrar pra todos os outros que nós estamos aqui e NÓS IMPORTAMOS. Nós merecemos ser bem representados.” (#LGBTfansdeservebetter) e “Mas a batalha difícil que você começou é uma que prometemos continuar” (O legado da comandante).

#### **4.1.3 Da revolta à revolução: o afeto como potência transformadora**

O envolvimento caloroso dos fãs com a série, se mostrou uma faca de dois gumes para os escritores e roteiristas da série *The 100*. Como resposta a morte da personagem Lexa, em um primeiro momento a ira, a raiva pela traição e angústia tomaram conta dos fãs. O episódio seguinte a morte da personagem, 3x08, teve a pior audiência da série, as avaliações das séries em sites correspondentes foram as piores desde o lançamento do piloto, o número de *dislikes* no vídeo promocional foi tamanha que o canal oficial apagou o vídeo deste episódio, além disso o produtor e *Showrunner* da série, Jason Rothenberg, teve uma queda massiva dos seus

seguidores nas redes sociais, Segundo o texto “#LGBTfansdeservebetter, foram cerca de 15 mil seguidores a menos.

Podemos perceber como os conteúdos representacionais que foram identificados na série moveu afetivamente o seu público ao passo que gerou identificações e reatividade, considerando que para além dos fenômenos de comunicação e cognição, as representações também envolvem afetação entre o sujeito e o objeto, influenciando nas narrativas do “eu” e dos grupos sociais. Para além disso e da importância da representatividade, a movimentação dos fãs se deu em resposta à forma como foram tratados e dispensados pela série, de maneira bastante ofensiva, eles se sentiram usados, como já demonstrado na primeira categoria. No lançamento do episódio posterior ao 3x07, um subconjunto de fãs levantou diversas *Hashtags* durante a exibição do programa, todas voltadas a chamar atenção para o acontecimento desastroso da morte da personagem, entre algumas estava #LGBTfansdeservebetter, iniciou-se diversos movimentos que demonstraram a força da comunidade e mostraram aos futuros produtores o que fazer e o que não fazer na construção de histórias de personagens LGBTQIAP+.

O movimento ganhou força e diversos *sites* e veículos de informações noticiavam a reação dos fãs e tentavam entender o que aconteceu. Os fãs se apropriaram da Lexa e de sua história e passaram a criar *fanfics*<sup>14</sup>, *fanarts*<sup>15</sup>, *fanvideos*<sup>16</sup>, na tentativa de preencher a lacuna que a série deixou. Além disso, a comunidade de fãs conseguiu arrecadar cerca de 40 mil dólares para o projeto Trevor, criado na intenção de diminuir os riscos de suicídio entre jovens LGBTQIAP+. Foi organizada e criada uma convenção anual, a *ClexaCon*, na tentativa de reunir as atrizes que estavam em destaque em papéis LGBTQIAP+, e proporcionar maior contato com as atuais representações desta comunidade que estavam em transmissão. A convenção ainda ocorre anualmente desde a sua criação. Por fim, a morte da personagem influenciou diversos sites na criação de contagem das mortes dos personagens LGBTQIAP+ e reflexões do porque a incidência do tropo do *Bury your gays* ser grande, como por exemplo, a criação do site *LGBT FANS DESERVE BETTER*.

As consequências da morte da Comandante Lexa provocaram indignação, mas também, proporcionaram o vislumbre de um futuro melhor e de vidas que poderiam ser salvas. A morte da personagem deu início ao fim da péssima representação *queer* que o público estava acostumado a receber. O legado deixado pela personagem aos fãs simboliza toda uma luta, o mundo pós-lexa parece promissor, apesar de não ser perfeito. Se podemos comemorar algo da morte da personagem, é que ela veio para mostrar que os fãs LGBTQIAP+ merecem respeito, mas também demonstram todo o poder que possuem, não somente enquanto consumidores, mas também como um movimento social que busca por seus direitos. Essa forma de resistência e elaboração feita pelos fãs, pode ser mal vista por muitos, mas para Foucault (1982, p. 6 apud CASSAL, GARCIA, BICALHO, 2011) a resistência “não é unicamente uma negação. Ela é um processo de criação. Criar e recriar, transformar a situação, participar ativamente do processo, isso é resistir”.

<sup>14</sup> Narrativa ficcional escrita e divulgada por fãs.

<sup>15</sup> Uma obra de arte baseada em um personagem, fantasia ou item conhecido, que foi criado por fãs.

<sup>16</sup> Reedição de cenas de um filme, série ou novela, feito pelos fãs.

## 5 CONCLUSÃO

A mídia se caracteriza como um dos instrumentos de manutenção das relações de poder e as atualizações das formas para essa manutenção tem ocorrido cada vez mais rápido, na verdade acompanha as mudanças que ocorrem socialmente, na intenção de influenciar comportamentos, identidades, relações e consumo. Os conteúdos veiculados pela mídia atingem de forma significativa a comunidade, possuindo o poder de influenciar identidades, autopercepção, comportamentos e personalidade de sujeitos da fazem parte da comunidade LGBTQIAP+. Dessa forma a criação da personagem Lexa, mesmo que afirmado que não foi criada com intencionalidade para tal, incidiu diretamente nas relações de poder existentes entre os gêneros e na sexualidade. Ao quebrar o estereótipo da figura feminina passiva, e inicialmente a quebra do estereótipo do tropo *Bury your gays*, isso fez com que o público pudesse se identificar com o traço marcante da sua sexualidade, ao passo que também se identificava ao desejar poder vivenciar sua sexualidade sem automaticamente está ligado algum tipo de violência por seu amor.

A partir do momento que os fãs se afetam com a personagem, eles a tomam para si, a adotam e passam a criar uma narrativa própria. Eles passam a perceber que podem compreender a realidade social através dessa nova perspectiva, além da realidade social concreta, ainda sim, existia a euforia pela melhor representação midiática e o vislumbre de consumo de obras conscientes e que levassem em consideração o público LGBTQIAP+. A personagem Lexa, para além da representatividade lésbica midiática, marcou o pensamento e o imaginário dos fãs como a representação social quase ideal de uma personagem lésbica, obviamente aqui respeitando a licença poética contemplada na série. A representação social midiática foi atualizada ao que poderia ir além dos estereótipos formados.

Essas atualizações são possíveis ao percebemos que o processo de formação de identidades não é fixa, sempre existem mudanças, algumas desejáveis outras não, mas que possibilitam a criação de nossas histórias, como seres ativos, sendo autores e atores, vemos isso claramente através do movimentos dos fãs ao criarem *fanfics*, *fanarts* e *fanvideos*, reescrevendo a história das personagens, eles escrevem a própria história. Essa construção também se dará no contato com o outro e seus discursos, havendo possibilidade de tomar para si algo com que se identifica. Esse fenômeno, foi bastante marcante principalmente nas fãs lésbicas, bissexuais e sáficas, mas não foram somente elas, que tomaram a perspectiva da coragem da personagem Lexa na luta pela melhor representatividade midiática da comunidade LGBTQIAP+.

Se reconhecer numa identidade midiática é importante, ao passo que auxilia na interpretação da realidade social, como também influi no senso de pertencimento e reconhecimento de si enquanto sujeito. Permitindo também que questionamentos sobre a ótica naturalizante das relações de gênero e normatização da sexualidade sejam levantados e esperançosamente levem ao rompimento destas.

Diante disso, é interessante perceber o poder que uma personagem teve para problematizar toda uma tradição de representações midiáticas violentas as quais a comunidade LGBTQIAP+ estava a anos submetida. Sob o pretexto da lente da progressividade, os diretores, escritores e roteiristas, se escondiam na facilidade de usar esses personagens fictícios, mas que eram herdeiras de histórias de dores reais (quando ficção e realidade se confundem). A morte da personagem Lexa abre margem para uma esperançosa mudança da representação midiática, sua morte e os efeitos imediatos da revolta dos fãs foram

repercutidos principalmente em 2016 e nos três anos seguintes, na perspectiva do estudo de identidades e de atualizações de representações, torna-se relevante a realização de novos estudos voltados para analisar a representação midiática da comunidade LGBTQIAP+.

## REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 6, ed. 17, p. 111-125, 2001. Disponível em: <https://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/opapel.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2022.
- ANDRADE, Bárbara Kelly Leão Coelho Dias; VIANNA, Bruna Cecilia Serafini Chan. **YU GONPLEI NOU STE ODON : UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM LEXA DE “THE 100”**. 2017. 78 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Comunicação Social) - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília, 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo/** Laurence Bardin: Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro – São Paulo: Edições 70, 2011.
- BUTLER, Judith. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgresoras. Una antología de estúdios queer**. Barcelona: Icària editorial, 2002, p. 55-80
- CASSAL, Luan Carpes Barros; GARCIA, Aline Monteiro; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. Psicologia e o dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização. **PSICO**, Porto Alegre, v. 42, ed. 4, p. 465-473, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8600>. Acesso em: 28 jul. 2022.
- CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: EDITORA BRASILIENSE (org.). **Psicologia social: o homem em movimento**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 58-75.
- COLLIER, Noelle R.; LUMADUE, Christine A.; WOOTEN, H. Ray. Buffy the Vampire Slayer and Xena: Warrior Princess: Reception of the Texts by a Sample of Lesbian Fans and Web Site Users. **Journal of Homosexuality**, v. 56, ed. 5, p. 575-609, 2009. Acesso em: 28 jul. 2022.
- COLLING, Leandro. Gênero. In: COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018. cap. 1, p. 09-32. ISBN 978-85-8292-181-4. E-book. Acesso em: 28 jul. 2022.
- COLLING, Leandro. Sexualidade. In: COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018. cap. 2, p. 41-50. ISBN 978-85-8292-181-4. E-book. Acesso em: 28 jul. 2022.
- COLETTI, Caio. **Saídas de personagens que fizeram séries perder muita audiência**. Observatório do cinema, 2018. Disponível em: <https://observatoriodocinema.uol.com.br/listas/2018/06/saidas-de-personagens-que-fizeram-series-perder-muita-audiencia#>. Acesso em: 26 jun. 2022.

CURI, Pedro P. Entre Fan Arts, Fan Fictions e Fan Films: o consumo dos fãs gerando uma nova cultura. **VI ENECULT**, Salvador, p. 1-15, 2010. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/wordpress/24831.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2022.

DECAMP, Whitney.; BAKKEN, Nicholas. W. Self-injury, suicide ideation, and sexual orientation: differences in causes and correlates among high school students. **Journal of Injury and Violence Research**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 15–24, 2015. Disponível em: <https://www.jivresearch.org/jivr/index.php/jivr/article/view/545>. Acesso em: 7 aug. 2022.

FANDOM (org.). **Lexa: Wiki The 100**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://the-100-brasil.fandom.com/pt-br/wiki/Lexa#Apari%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 27 jun. 2022.

FELIPE, Jane. Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia. **Revista tecnologia e sociedade**, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 251-263, 2006. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rtts/article/view/2490>. Acesso em: 28 jul. 2022.

FLAUSINO, Márcia Coelho. Mídia, sexualidade e identidade de gênero. **INTERCOM - Sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da comunicação: XXV Congresso brasileiro de ciências da comunicação**, Salvador, p. 1-16, 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/7789680175130545946076454673496728979.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2022.

GUARESCHI, Pedrinho. Sem dinheiro não há salvação: ancorando o bem e o mal entre os neopentecostais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, ed. 2, 1995.

GOMILLION, Sarah C.; GIULIANO, Traci A. The influence of media role models on gay, lesbian and bisexual identity. **Journal of Homosexuality: Quaderns de comunicació i culturà**, [s. l.], v. 3, ed. 58, p. 330-354, 2011. DOI 10.1080/00918369.2011.546729. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00918369.2011.546729>. Acesso em: 29 jul. 2022.

GUERRERO-PICO, Mar; ESTABLÉS, María José; VENTURA, Rafael. El síndrome de la lesbiana muerta: mecanismos de autorregulación del fandom LGBTI en las polémicas fan-productor de la serie the 100. **Análisi: Quaderns de comunicació i culturà**, [s. l.], ed. 57, p. 29-46, 2017. DOI <https://doi.org/10.5565/rev/analisi.3110>. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6224838>. Acesso em: 29 jul. 2022.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. In: Educação & Realidade. 1997. p. 15-46.

HALL, Stuart. **El trabajo de la representación**. IEP – Instituto de Estudios Peruanos: Lima, Maio, 2002.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JACQUES, Maria da Graça. Identidade. In: EDITORA VOZES LTDA (org.). **Psicologia Social Contemporânea**. 21. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. cap. Parte 2 - Temáticas, p. 158-166.

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. *In*: MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 29-109.

MORAES, Maria Laura Brenner. Stuart Hall: cultura, identidade e representação. **Revista Educar mais**, [s. l.], v. 3, ed. 2, p. 167-172, 2019. DOI <http://dx.doi.org/10.15536/reducarmais.3.2019.167-172.1482>. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1482>. Acesso em: 28 maio 2022.

NOGUEIRA, Conceição. **Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social**. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

OLIVEIRA, Fátima Oliveira de; WERBA, Graziela Cucchiarelli. Representações Sociais. *In*: EDITORA VOZES LTDA (org.). **Psicologia Social Contemporânea**. 21. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. cap. Parte 2 - Temáticas, p. 104-117.

PRAUN, Andrea Gonçalves. Sexualidade, gênero e suas relações de poder. **Revista Húmus**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2011. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1641>. Acesso em: 28 jul. 2022.

SÁ, Celso Pereira de. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. *In*: SPINK, Mary Jane P. (org.). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. cap. 1, p. 21-45.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza *et al.* A teoria das representações sociais. *In*: SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA, Leda Maria de (org.). **Diálogos com a teoria da representação social**. Pernambuco: Editora Universitária UFPE, 2005. cap. 1, p. 13-38. ISBN 85-7315-277-X.

VALA, Jorge; CASTRO, Paula. Pensamento Social e Representações Sociais. *In*: VALA, Jorge; MONTEIRO, Maria Benedicta (coord.). **Psicologia Social**. 9. ed. rev. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. cap. XI, p. 569-587.

VASCONCELLOS, Lícia Maria Vieira; CAETANO, Vitor Nunes. Diálogo entre representação social e identidade: considerações iniciais. **IX Simpósio educação e sociedade contemporânea: desafios e propostas a escola e seus sentidos**, Rio de Janeiro, v. IX, p. 1-12, 2014.

WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento. **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology** [en línea]. 2007, 41(3), 379-390[fecha de Consulta 24 de Julio de 2022]. ISSN: 0034-9690. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28441313>